

## A infância na narrativa juvenil *Clarice*, de Roger Mello: fragmentos de opressão, repressão e censura

### RESUMO

O período da Ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) foi marcado pela censura e pela violência aos movimentos contestatórios à ideologia do regime. Paralelo a isso, como forma de resistência, a produção literária brasileira emergida nesse período e no decorrer dos últimos anos apresenta em seu veio denúncias ao tolhimento de direitos democráticos nas contingências ditatoriais. Referente à literatura infantil e juvenil, na contemporaneidade, há narrativas que tematizam esse período e partem de experiências particulares dos escritores ou não, com ênfase no protagonismo da criança ou do adolescente em meio às circunstâncias do regime. Partindo dessa conjectura, visamos discutir como se configura a representação da infância na narrativa juvenil *Clarice* (2018), de Roger Mello. Especificadamente, analisar a personagem que dá nome a narrativa, tendo como eixo sua representação enquanto sujeito inserido no contexto político de censura e de opressão resultantes da Ditadura civil-militar. Apesar da conjuntura hostil, é possível afirmar que a protagonista possui uma visão crítica frente às consequências do regime opressor, transmitindo uma mensagem de resistência aos leitores. A pesquisa é de cunho bibliográfico e baseia-se nas contribuições de Lajolo (2009), Figueiredo (2017) Sarmiento-Pantoja (2012; 2018), entre outros pesquisadores contemporâneos que se dedicam a temática proposta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura juvenil contemporânea. Clarice. Ditadura. Infância.

**Camila Pereira de Souza**  
[camispereira09@hotmail.com](mailto:camispereira09@hotmail.com)  
Universidade Federal de Piauí, Teresina,  
Piauí, Brasil.

**Diógenes Buenos Aires de  
Carvalho**  
[dbuenosaires@uol.com.br](mailto:dbuenosaires@uol.com.br)  
Universidade Estadual do Piauí, Teresina,  
Piauí, Brasil.

## INTRODUÇÃO

Na atualidade há a inserção de variadas temáticas em torno das quais os textos com destinação aos jovens leitores se estruturam. Entre esses temas abordados, encontram-se discussões acerca de aspectos sociais, políticos, de gênero, entre outros, apontando visibilidade para problemáticas outrora consideradas tabus para esse tipo de público.

No Brasil, pode-se dizer que os debates de cunho político e social se tornaram constantes na literatura infantil e juvenil na segunda metade do século XX, exatamente no contexto em que vigorava uma Ditadura civil-militar. Foi nessa época que os escritores encontraram na literatura uma forma de denunciar, por meio do ludismo e de uma linguagem inovadora, as diferentes faces do autoritarismo.

Ademais, como efeito das lutas por liberdade de expressão e também da promoção da leitura na escola, as salas de aula receberam diversos títulos, com o intuito de “discutir não apenas a realidade dos problemas enfrentados pelo país em vários campos, como também, de maneira bem mais contundente, os conflitos do jovem e seu papel do universo social” (GREGORIN FILHO, 2011, p. 39). Desde então se observa que a literatura juvenil vem promovendo diálogo com os leitores por meio das circunstâncias da realidade que os circunda, propondo novas maneiras de enxergar o mundo e a si mesmo.

Isto nos leva a reflexão sobre como a literatura infantil e juvenil pode conduzir discussões sobre uma problemática na atualidade alusiva à construção da memória da ditadura-civil militar brasileira. Já sinalizada por Teresa Colomer como uma tendência observada da LIJ contemporânea, em um contexto mais amplo, trata-se da ideia de que abordar histórias nacionais marcadas por regimes autoritários com jovens leitores abre caminhos para uma proposta formativa e crítica. Nas palavras da pesquisadora, a referida tendência é um tipo de “reflexo social que se refere não ao que a sociedade é nesse momento, mas sim à lembrança do passado que se deseja passar às jovens gerações” (COLOMER, 2017, p. 207).

Por meio dessa proposição é importante frisar, como afirma a professora Tânia Sarmiento-Pantoja (2012), que elementos caracterizadores do universo infantil e juvenil têm se mostrado relevantes para os processos de atualização da memória de regimes militares por intermédio das artes. Nota-se, sobretudo, que representações da infância e da adolescência têm estado presente em narrativas contemporâneas por meio de protagonistas atingidas pelas arbitrariedades dos regimes antidemocráticos, promovendo o debate de experiências históricas com os jovens das novas gerações.

É partir dessa conjectura que este artigo visa analisar a representação da infância da personagem Clarice, presente na obra literária escrita por Roger Mello e ilustrada por Felipe Cavalcante. A pesquisa é de cunho bibliográfico e baseia-se nas contribuições de Lajolo (2009), Figueiredo (2017), Sarmiento-Pantoja (2012; 2018), entre outros pesquisadores contemporâneos, que se dedicam a temática proposta.

## 1. INFÂNCIA E LITERATURA: BREVES CONSIDERAÇÕES

É bem comum se pensar na infância como uma fase da vida iniciada com o nascimento e atingindo a chamada pré-adolescência, fase marcada por uma série de transformações físicas e psicológicas. Para além disso, a noção de infância, de acordo com a filósofa Jeanne Marie Gagnebin (1997), não se trata de nenhuma característica dita natural, mas é, antes de tudo, profundamente histórica. Refere-se a uma construção social, ou seja, é uma concepção suscetível a mudanças de acordo com diferentes épocas e locais, também subordinada a fatores de ordem cultural, filosófica, econômica etc.

Considerando tal aspecto, remonta-se que durante muito tempo na sociedade prevaleceu uma visão na qual essa fase era tratada com invisibilidade e ausência de preocupações com as peculiaridades das crianças, não havendo nem mesmo o interesse na produção de livros voltados ao público infantil. Na Idade Média, por exemplo, crianças e adultos participavam dos mesmos acontecimentos e ocupavam os mesmos postos de trabalho, porém era perceptível a carência de laços afetuosos que os aproximassem (ARIÉS, 1981). Até mesmo no núcleo familiar as relações entre pais e filhos não se baseavam no afeto, mas pura e simplesmente em convenções sociais.

A emergência de uma nova ideia de infância, de acordo com Zilberman (2006), ocorre em meados do século XVIII, com a instituição de um modelo familiar burguês, quando a criança começa a ser vista como um ser singular, dotado de interesses particulares. Segundo a pesquisadora, a criança é projetada como um ser que exige esforço distintivo, convertendo-se no sustentáculo no qual se organiza a estrutura familiar. A esta cabe à incumbência de possibilitar aos filhos um amadurecimento promissor em termos profissionais e pessoais.

Neste segmento, Zilberman e Lajolo (2007) relatam que, por conta da importância cada vez maior que os pequeninos detêm na sociedade, surgem os primeiros objetos industrializados (brinquedos), culturais (livros) ou áreas da ciência (psicologia infantil, pedagogia) para as quais ela é alvo. Foi neste contexto que a literatura infantil despontou como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo, considerando o intento de educá-las para a leitura de obras impressas. Da mesma forma, também a literatura passa a ser vista como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria produção. Tal ponto justifica, consoante as autoras supracitadas, os laços que aproximam literatura infantil e formação educativa.

Sobre este aspecto, Zilberman e Lajolo chamam atenção ao fato de que muito embora a literatura voltada ao público jovem se relacione com o paradigma pragmático que rege a atuação da família e da escola, consegue equilibrar e, normalmente, superar essa tendência pela incorporação do universo afetivo e emocional da criança ao texto. Acrescentam ainda:

Por intermédio desse recurso, traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que, se exige para efeitos de análise, a atitude decifrador do intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança. (ZILBERMAN E LAJOLO, 2007, p. 18)

No Brasil, no começo do século XX, os intentos de Monteiro Lobato reverberaram em obras infantis e juvenis que ganharam destaque em termos qualitativos e quantitativos, com ênfase na valorização de personagens infantis e do universo que as circundam. Conforme aponta Ana Maria Machado (2011), foi dentro de seu universo mágico que Lobato desafiou os pequenos leitores a adquirirem consciência crítica sobre as mazelas sociais e econômicas encontradas na sociedade brasileira. Por tal motivo é compreensível que o escritor tenha fincado raízes de uma tradição centrada na inventividade, à proporção que debatia temas complexos que em outros tempos não se enfatizavam dentro desse universo literário.

A partir da década de 1970, com os herdeiros da tradição lobateana, como é o caso de Odette de Barros Mott, a infância passa a ser representada por intermédio de narrativas que tematizam a “pobreza, miséria, injustiça e marginalidade” (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 138), com ênfase nas tensões do cenário urbano brasileiro. Tal representação da infância na literatura entra em confluência com as visões da criança no imaginário social, considerando os aspectos econômicos e históricos pelos quais passava a sociedade brasileira na época.

Como Marisa Lajolo (2009, p. 232) salienta, a literatura atua enquanto formadora de imagens, “construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar bem com as imagens de infância formuladas e postas em circulação a partir de outras esferas”. Em razão disso, narrativas literárias referem-se à infância abordando diversos aspectos fazem parte do universo infantil, consubstanciando a imagem da criança vinculada às brincadeiras, às relações afetivas e mesmo às conflituosas, enfatizando os anseios e as dificuldades pelas quais passam em meio à coletividade.

Esse também é o caso de algumas obras do escritor e ilustrador Roger Mello, para o qual o universo da criança, tida para ele como um ser poético, também se constrói em meio às querelas do mundo real. Um exemplo disso se dá com a obra *Carvoeiros* (2009), em que o autor centralizou a representação da infância pelo ângulo da exploração do trabalho infantil nas minas de carvão, utilizando para isso elementos verbais e visuais que despertam a sensibilidade do leitor.

Devido à complexidade empregada em muitos de seus projetos, Roger Mello já recebeu questionamentos acerca da recepção de seus livros junto ao público infantil, se não seriam obras classificadas para o público adulto. Nessa assertiva, revela que não concorda muito com uma separação entre esses segmentos, ao mesmo tempo em que compreende a importância de usá-la para estudar o livro infantil em toda a sua complexidade, “respeitando o universo da criança como agente modificador, valorizando sua voz, o seu pensamento artístico” (MELLO, 2012, p. 210). Roger Mello acrescenta que, na realidade, o público se estabelece como estímulo, mas não como o próprio alvo, fato que explica a o caráter experimental de seu projeto literário.

Já em *Clarice* (2018), também de autoria do autor referido, é possível identificar como a infância da personagem que dá nome a narrativa se constitui em meio ao caos de um regime opressor, pois a obra retoma o período da Ditadura civil-militar brasileira. Os acontecimentos atingem a menina por meio da privação do direito a uma infância plenamente livre, tendo em vista as situações de fugas e opressões a que é submetida, aproximando seu mundo do mundo dos

adultos do seu núcleo de convivência. Apesar disso, elementos do universo infantil e uma visão crítica da realidade possibilitam a protagonista contestação frente às consequências do regime opressor, transmitindo uma mensagem de resistência aos leitores.

## 2. CLARICE: O TEXTO E O CONTEXTO LITERÁRIO PÓS-DITATORIAL

De um modo geral, dos primeiros dias do golpe civil-militar de 1964 até os atuais, é possível constatar o crescente número de narrativas literárias brasileiras que constitui uma forma de resistência contra o esquecimento dos episódios repressivos a mando da ditadura. Como declara Cristiane Checchia (2020), outrora construídas em meio a uma conjuntura de opressão, as obras literárias que hoje transmitem a experiência com a ditadura são compostas por uma geração de escritores que trabalham com os restos do passado a partir, muitas vezes, do registro autobiográfico e de olhares permeados pela distância e pela perspectiva infantil.

Os textos produzidos do âmbito ficcional, sem a finalidade de substituição dos dados objetivos da escrita histórica, conduzem o leitor a “imaginar aquilo que foi efetivamente vivido por homens e mulheres” (FIGUEIREDO, 2017, p. 29), uma vez que os escritores possuem liberdade no âmbito composicional para recriar a atmosfera de aflição e de tensão. De tal forma, estendem o diálogo para um maior número de leitores, por isso deslindam múltiplas leituras acerca do referido período.

No que toca a literatura infantil e juvenil, é possível refletir sobre como a tessitura de narrativas que abordam a ditadura vem se modificando ao longo desses mais de cinquenta anos após o Golpe. Em retrospectiva ao período de vigência do governo militar, situado entre os anos 1970 e 1980, destacaram-se obras que denunciavam implicitamente as facetas do poder instituído pelo viés do maravilhoso, pela ironia e pelo humor, como é o caso das produções literárias de Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga, entre outros nomes de destaque da LIJ brasileira.

As escritoras citadas, via de regra, dialogavam com o público leitor por intermédio de estratégias textuais para passarem despercebidas pelo crivo da censura. No entanto, nos anos seguintes ao processo de abertura política, os escritores, de um modo geral, puderam tratar explicitamente sobre a temática com as crianças e com os jovens, a partir de narrativas com enfoque memorialístico, a partir de experiências próprias ou não.

Em conformidade com Santini e Rocha (2019, p.20), com a redemocratização política no país a literatura apresentou desdobramentos de um processo relacionado às perdas causadas pelo regime. Nela, evidencia-se um empenho na busca por compreender como as marcas da repressão permaneceram na subjetividade de quem vivenciou o período de exceção. Não somente das pessoas atingidas diretamente pela opressão, mas também daquelas que de forma indireta foram impelidas a “elaborar, subjetivamente, os vestígios desse período”. Para tanto, avolumaram-se publicações de narrativas autobiográficas, testemunhos, diários de ex-guerrilheiros, amigos e familiares das vítimas diretas do sistema ditatorial.

Dentre essas elaborações literárias, é possível elencar algumas narrativas infantis e juvenis que propoem reflexões sobre os efeitos negativos deixados pela ditadura civil-militar. São exemplos dessas produções *O meu amigo pintor* (1987), de Ligya Bojunga; *Memórias de escuridão* (1995), de Maria Sueli Regino; *Quando voltei tive uma surpresa: Cartas para Nelson* (2000), de Joel Rufino dos Santos; *O voo da arara azul* (2007), de Maria José Silveira e *Assassinato na biblioteca* (2008), de Helena Gomes. Em sua maioria, apresentam protagonistas crianças ou adolescentes atingidas pelas adversidades do período repressivo. Como vítimas diretas ou não da violência ou da tortura, sofrem com as fraturas em suas rotinas e em suas relações afetivas, bem como padecem com as perdas ou com a ausência de compreensão do que transcorre em seu meio.

Ainda neste cenário da contemporaneidade é que se insere a narrativa juvenil *Clarice*, publicada em 2018 e escrita com base nas memórias familiares do escritor Roger Mello. Nessa obra, a menina Clarice vivencia uma circunstância de ruptura no cotidiano, uma vez que os adultos de seu núcleo familiar estão condicionados aos efeitos da opressão e da censura a livros considerados subversivos, aspectos assimilados pela protagonista consoante a sua perspectiva infantil.

Assim como a menina Clarice, também foi cedo que Roger Mello apreendeu o poder revolucionário dos livros e da leitura. A experiência de viver uma infância durante os anos duros de Ditadura civil-militar foi de grande influência na concepção de leitura do artista, já que afirma ter feito parte de uma geração que “chegou ao livro pelo vazio que o livro deixava” (MELLO, 2012, p. 202). Essa foi época de confisco a obras consideradas subversivas ao regime, de cerceamento da liberdade de expressão e de censura às artes e à cultura.

Muitas pessoas eram caladas por causa do conhecimento que detinham, dos livros “vermelhos”, algo que exercia verdadeira atração no escritor ainda criança. Por isso, em *Clarice*, a dimensão dada à infância partiu das coisas que o artista e seus familiares vivenciaram, como bem afirma em entrevista concedida ao *Jornal Beira do Rio*: “minha tia jogando livros no lago, amarrados com pedra, para que não boiassem de volta. Ela não era de esquerda, mas, por gostar de livros, tinha um lado subversivo” (MELLO, 2018).

Nesse sentido, pode-se afirmar que autor faz parte do grupo de escritores que compõem uma “segunda geração”, conforme diz Checchia (2020) apoiada nas colocações de Schollammer (2004), pois Roger Mello viveu biograficamente o período militar em sua infância. É a partir de sua vivência que o autor transmuta a experiência com o regime para o seu texto literário. Checchia complementa que, ao se dedicar a esse tipo de escrita, os artistas encontram um desafio duplo por duas razões: a primeira delas refere-se à lembrança do passado, mas também a focalização no presente, construindo questionamentos para assim tecer a sua criação.

Devido a essa relação autobiográfica, a história também tem como cenário Brasília, cidade onde o autor cresceu, e considerada epicentro do regime civil-militar. Todavia, é importante destacar que não se trata de uma obra panfletária, pois durante toda a narrativa não há alusão direta a ditadura que vigorou no país entre 1964-1985. O que o autor nos apresenta são episódios comuns em regimes antidemocráticos, como a censura e a perseguição àqueles que representam uma ameaça às bases do regime, devendo, por isso, ser eliminados.

Por conta da temática que envolve, o projeto gráfico, pensado pelo designer gráfico Felipe Cavalcante, sobrinho de Roger Mello, também carrega consigo um pensamento subversivo. A iniciar pela capa, ou melhor, uma sobrecapa, em menção a necessidade de esconder, disfarçar o verdadeiro conteúdo do livro, como bem acontece na narrativa. Na realidade, a capa do livro é de cor vermelha e possui um nome escrito em letras no idioma coreano, traduzido literalmente como “livro vermelho”, o que lança ao leitor o tom enigmático da narrativa antes mesmo de partir para a leitura.

Além disso, a obra é repleta de ilustrações, por vezes misteriosas, que complementam o sentido do texto. Nelas é possível perceber referências ao espaço onde transcorrem as ações, assim como alusão a importantes nomes da arte brasileira, a exemplo de Athos Bulcão, Maria Martins e Burle Marx. A junção desses elementos torna a leitura da obra mais cativante, despertando o senso estético e crítico do leitor.

Por conta da qualidade estética e literária que possui, desde o seu lançamento, a obra *Clarice* acumula premiações nacionais e internacionais, tais como: Altamente Recomendável para o Jovem 2019 (FNLIJ); Prêmio FNLIJ 2019 – Produção 2018, na categoria Jovem Hors-Concours; 13ª Bienal de Design 2019 – Projeto Destaque; Cicla/Shanghai – 2º lugar e Menção Honrosa do Júri; Prêmio Literário Fundação Biblioteca Nacional 2019 – Categoria Projeto Gráfico; Prêmio White Ravens 2019 – Biblioteca Internacional da Juventude, de Munique; 61º Prêmio Jabuti 2019 – Eleito o melhor livro na categoria Projeto Gráfico, além da indicação ao Prêmio Jabuti 2019 na categoria Livro Juvenil, para o qual obteve 2º lugar.

### **3. A NARRATIVA JUVENIL CLARICE: FRAGMENTOS DE OPRESSÃO, REPRESSÃO E CENSURA**

Opressão, repressão e censura são elementos que se fazem corolários de regimes políticos autoritários. Eles também se apresentam às personagens que compõem a narrativa Clarice, de Roger Mello. A obra tem como protagonista a menina Clarice, a qual apresenta o seu ponto de vista acerca dos desdobramentos de um regime de exceção que passam a fazer parte de sua realidade. Trata-se da Ditadura civil-militar brasileira, muito embora, no texto, não faça menção explícita a ela. Como evidência desse período, ao leitor é apresentada uma série de vestígios, de referências ao tempo histórico e ao espaço em que transcorrem os eventos da narrativa.

Neste cenário repressivo, iniciado “de uns tempos pra cá”, como afirma a narradora, é necessário andar de casa em casa, não mencionar nomes, viver em meio aos sussurros e separar-se dos pais. A mãe e o pai da menina desaparecem, deixando apenas subtendido o motivo: a relação perigosa com os livros subversivos. A mãe, consoante às indicações da narrativa, fazia parte dos movimentos de subversão à ordem. Já o pai, embora trabalhasse para E.L.E.S, escondia os livros para que a mãe de Clarice os pudesse ler, estando, pois, também na condição de oprimido.

Sendo assim, a obra literária nos revela uma experiência de infância marcada pelas tentativas de fuga, pela ocultação e pelo controle da livre circulação do conhecimento, situação comum nas ações de funcionamento de governos



autoritários. Ao leitor, a personagem retrata sua inquietação frente a essas atitudes, apresentando questionamentos a um mundo ao mesmo tempo tão díspare e tão próximo dos adultos, na medida em que acompanha suas tias nas ações de subversão à ordem opressora:

O lago engole o livro como uma boca gigante. Deixa ver, nem pude olhar a capa ou o dentro do livro antes de ele desaparecer na água.

– Que sentido faz alguém que tem tantos livros atirar livros pela ponte?

– Agora não, Clarice,

– Eu não perguntei nada.

– Mas fez cara de quem perguntou

– Se os livros boiam, se voltam à tona, E.L.E.S acabam nos descobrindo. (MELLO, 2018, p. 10)

A opressão vivenciada por Clarice não advém somente pelas circunstâncias políticas e sociais, mas também pelo núcleo de adultos, os quais, de certa forma, atuam com advertências às suas indagações, como no trecho em que a tia repreende um gesto de inquietação da menina. Por via de regra, essa é uma forma de muitos adultos agirem para com as crianças, tratando-as com posicionamentos autoritários, com um olhar distanciado, presidindo normas comportamentais. Tal postura indiferente também se relaciona a própria carga semântica ligada à palavra infância, o *in-fans*, tendo em vista que “não remete primeiro a certa idade, mas sim àquilo que caracteriza o início da vida humana: a incapacidade, mais a ausência de fala” (GAGNEBIN, 1997, p. 97), ou seja, propriamente a ausência de linguagem articulada. Como resultado dessa conceituação, há um quadro no qual o infante não é escutado, pois ao tentar expressar-se é silenciado, não tem voz.

Tendo que lidar com essas situações de deslocamento e de ausência dos pais, Clarice passa a viver sob os cuidados da Tia e com o primo Tarso, também criança como ela. Com Tarso, partilha as poucas informações que capta das conversas que ouve dos adultos, sempre ocultadas ou cortadas pela metade, em busca de assimilar o que decorre em seu entorno, os motivos que levaram ao sumiço de seus pais e o porquê da constante fuga dos subversivos. A experiência com o regime político aos poucos vai sendo apreendida pela menina, no entanto, é perceptível sua inquietação por não entender o sentido desse universo desastroso.

Não somente esse episódio, mas outras situações decorrentes da experiência de subversão daqueles que fazem parte do núcleo da narrativa são absorvidas pelas crianças, adquirindo sentido consoante às formas de apreensão do seu universo. Por isso, pode-se dizer que passam por um filtro de recriação de acordo com uma lógica infantil, como afirma Tânia Sarmiento-Pantoja (2013), ao analisar o que chama de protagonismo infantil em narrativas cujos cernes são regimes opressores. Nessas narrativas, segundo a autora, não há uma espécie de



afastamento do horror, mas uma filtragem, uma mediação pelo olhar infantil, suavizando sem dispensar os efeitos afetivos provocados por ele.

Em outro momento, Sarmiento-Pantoja relata a inclusão de omissões e de proteção exacerbadas pelos adultos a fim de tornar a criança invulnerável à arbitrariedade tentacular. Fatos que evidenciam algo que é relevante nas discussões acerca da barbárie: “no universo da catástrofe não há espaço para a invulnerabilidade, uma vez que todos acabam atingidos” (SARMENTO-PANTOJA, 2012, p. 419), em virtude de que a infância é afetada pelas situações arbitrárias, as ausências, as fugas e a falta de liberdade, que emergem em meio ao universo real. Digno de nota é que em *Clarice*, várias são as tentativas de resguardar a criança dos efeitos da repressão, porém a menina possui uma astúcia que se opõe ao que os adultos tentam lhe impor, captando os episódios mais absurdos, tal como se evidencia no trecho a seguir:

Não sei por que fui pensar nos livros atirados da ponte. Um depois outro. Comento essa história com a Mulher que gosta de arte, ela me diz que não, que não fui levada nesse dia para atirar livros da ponte, não. Tudo bem, ela diz. Que às vezes uma coisa se conta tantas vezes que alguém pensa fazer parte dessa coisa. Que me enganei com certeza [...]. Mas não, não fui deixada na casa de ninguém nesse dia, eu ouvia forte o som do livro da água. (MELLO, 2018, p. 71)

Outro ponto perceptível por meio dessa reflexão é que ela parte no momento em que Clarice precisa ser deixada na casa de uma amiga de sua tia, que tem o verdadeiro nome ocultado pelos adultos. Ela é denominada ao longo da obra apenas como “A mulher que gosta de arte”, em referência a ligação e ao gosto com o universo artístico. Na obra, poucos são os personagens adultos que compõe o núcleo da narrativa, os quais, devido ao contexto de fugas e disfarce não são nomeados, assim a protagonista apenas os denomina da seguinte forma: *A mãe do Tarso, o pai da Alice, a Mulher que gosta de arte, o Primo*. Os pais da menina também não são denominados em nenhum momento da narrativa, o que faz todo sentido, já que não se sabe onde estão, presos e/ou na clandestinidade. Além de ocultar os nomes, o envolvimento com atividades subversivas implica na necessidade de fugir das viaturas da polícia que perpassam pelas ruas da cidade, dirigidas por aqueles que são denominados por Clarice como *E.L.E.S* e também *V.O.C.Ê. S.A.B.E.Q.U.E.M*.

Esses disfarces também partem do medo da política de delação, que ronda o imaginário das crianças e também faz dos diálogos travados por elas. Em determinado ponto, Tarso, ao se referir a uma “parenta desaparecida”, pede que a menina Clarice não cite o nome dela, pois teme que fique gravado em sua mente: “Ficava com medo de aprender o nome e repetir assim alto: ‘Fulana’, bem no meio dos sonhos dele”, e alguém denunciá-lo ao pai da Alice: “Eu sabia que o pai da Alice trabalhava para E.L.E.S. pros V.O.C.Ê. S.A.B.E.Q.U.E.M” (MELLO, 2018, p. 61).

Entende-se, perante o trecho desse diálogo, que as crianças possuíam formas específicas de comunicação, estabelecendo interlocuções de acordo com os fatos de seu entorno, como por meio de um vocabulário próprio ao se referir

aos opressores. Elas sabem o perigo que representam e percebem o quanto estão expostas, estando alertas aos perigos. Apresentam capacidade para expressar suas perspectivas de entendimento do quão hostil estava a realidade, propondo maneiras de agir frente a ela.

Como a tônica da narrativa põe em evidência o poder dos livros, também é importante destacar as referências literárias citadas ao longo do texto. De forma sutil, ao leitor são citadas obras marcantes ou clássicas da literatura que, na trama, compõem uma ordem de livros considerados subversivos. Obras como *A divina comédia*, de Dante Alighieri, *Iznogud, o infame*, de Goscinny Tabary e *O livro vermelho*, fazem parte do universo das crianças, incitando-os a curiosidade e o desejo de tê-los.

A partir delas, as discussões travadas pelas personagens trazem a lume apontamentos sobre mecanismos de construção de obras literárias, com referência, em específico, ao ato de desenhar e ao uso de ilustrações para a composição de sentidos em narrativas. Tais mecanismos também sublinham estratégias que visam adesão à leitura. Esse recurso tem sido bastante utilizado em obras juvenis da contemporaneidade, denotando uma preocupação em aproximar o jovem dos modos de construção textual, com o uso da intertextualidade e da metaficção, os quais conduzem a reflexões acerca da tessitura literária, “promovendo uma formação para a leitura literária”, consoante Larissa Cruvinel (2009, p. 160).

Além das obras citadas no texto, em *Clarice* há também na epígrafe um trecho da crônica *Nos começos de Brasília*, de Clarice Lispector, em que a autora expressa certa inquietude frente ao projeto modernista de construção da cidade que se torna sede do regime civil-militar. A aura da cidade transmitida por meio dessa crônica possui uma ligação com as percepções da protagonista da narrativa de Roger Mello, como ele mesmo afirma, em muitos momentos a protagonista tem um jeito inquietante e Clarice Lispector de ser.

Para a professora Fernanda de Paula, a protagonista possui uma peculiaridade que é marcante na escrita de Clarice Lispector: o fluxo de consciência. São várias as passagens em que a menina transpõe ao leitor a desordem de seu pensamento, como “numa divagação que funde memória e suas impressões pessoais, estando entre a confusão mental e o transbordamento de emoções” (2019, p.08). Há um momento em que a protagonista relembra, de forma esparsa, a respeito do dia em que o pai desapareceu. Ele não foi pego durante uma busca a livros subversivos, da maneira que ocorreu com mãe de Clarice, mas fugiu às pressas, sem ao menos explicar o que estava acontecendo, deixando a cabecinha ainda menina mais confusa:

Lembro de pouca coisa daquela tarde, eu, longe, segurando a mão da minha tia que olhava ele entrar no carro. Lembrei errado, era ela quem segurava minha mão Com medo que eu corresse em direção ao meu pai. Coisa que eu não faria. Mas tenho certeza que ela também não sabia o destino do Aero Willys. [...] Nesse dia, meu pai não vestia a roupa azul e cinza. Não dava ordens a ninguém. Não recebia ordens de ninguém. Endireitava o sol, como se a mão dele fosse seu quepe. E se atrapalhava com as coisas soltas que carregava (MELLO, 2018, p. 67-69).

Pela forma como narra, ao leitor cabe à possibilidade de interpretar como realidade ou mais um devaneio da menina. Esse olhar turvo, confuso, com certa falta de clareza, de acordo com Sarmiento-Pantoja (2012), é uma característica observável em narrativas pós-ditatoriais compostas por narradores infantis. A pesquisadora declara que esse processo se torna míope, no sentido da expressão utilizada como característica da diminuição da capacidade de enxergar. Decorre na medida em que aquele que o testemunha não o rememora com uma certeza sobre o que de fato decorreu, da falta de um olhar nítido para o passado:

A mirada míope se insinua, assim, como protocolo de captura do real que dialoga com a relatividade das visões testemunhais, com a provisoriedade das verdades, com a possibilidade de casar imaginação e evidência (SARMENTO–PANTOJA, 2012, p. 422).

Assim, esse modo de narrar torna-se complexo, tendo em vista a vinculação da realidade com os elementos imaginários. Por outro lado, pode-se dizer também que em muitos momentos a imaginação torna-se um meio de fugir dos acontecimentos difíceis de serem absorvidos pela criança. Em *Clarice*, as crianças vão reconstituindo, ao seu modo, as cenas e os acontecimentos misteriosos e dolorosos que envolvem o passado. Pelos sussurros que ouvem Clarice e Tarso constroem mentalmente como teria sido o instante do desaparecimento da mãe da protagonista, já que os adultos privavam as crianças sobre esse episódio. A mãe de Clarice foi detida por E.L.E.S durante uma busca por livros subversivos no apartamento de uma amiga chamada Zilah e, desde então, passa a fazer parte dos sonhos e das lembranças da menina, que também não tem certeza sobre o local para onde ela foi levada:

A conversa terminava ali. E.L.E.S seguraram sua mãe pelo cotovelo. Ela ajeitou o vestido, arranhou um canto da blusa querendo tirar um fio que não existia. Tudo antes de sair.

– Como você sabe disso? Sua mãe estava presa no armário.

– Foi bem desse jeito, tenho certeza.  
Levaram sua mãe.

– Até hoje. (MELLO, 2018, p.59)

Cabe ressaltar que não somente livros, mas também filmes entram na esfera artística que é censurada. As crianças têm liberdade para ir ao cinema, no entanto, com a probabilidade de assistirem a filmes cortados por conta do conteúdo que expressam: “O pai de Alice corta as cenas que ele não quer que os outros vejam. É muito fácil de perceber os cortes” (MELLO, 2018, p.27). Clarice entende que o pai da amiga trabalha para E.L.E.S e indaga o fato de que, por esse motivo, ele não seria o mais subversivo de todos E.L.E.S, em virtude de que assiste a todos os filmes antes de cortá-los. Esse modo de captar os fatos é bem

peculiar porque ao passo em que ameniza a carga incômoda que a palavra censura possui por intermédio do uso da ironia, da perspicácia, também demonstra uma faceta desprezível dos regimes antidemocráticos que é exatamente a perseguição à cultura, à intelectualidade, ao direito de expressão do pensamento.

Nos capítulos finais da narrativa, é possível evidenciar em um de seus monólogos, carregado de lirismo, que a menina Clarice apresenta uma mensagem positiva, um presságio de tempos melhores. Um dia em que os livros afundados no lago virão à tona, metaforicamente como pássaros que irão alçar voos livres ou paraquedas em direção ao solo, demonstrando, assim, que conhecimento jamais pode ser tolhido. Mas que por enquanto, no cenário opressivo, as pessoas ainda não estão preparadas para eles e todo o seu poder.

São mais como pássaros presos pelos pés. As capas não são só capas vermelhas, como os adultos gostam de mentir, os adultos são de morte. Livros como paraquedas, caindo por cima. E afogados afogados, os livros. Um dia virão à tona, por enquanto, continuarão proibidos, no fundo. As pessoas não estão prontas ainda pra eles (MELLO, 2018, p. 106).

Pode-se dizer que a vivência em meio aos conflitos e a tomada de consciência daquele mundo propunha também o amadurecimento da narradora-protagonista, característica que se faz presente em muitas narrativas juvenis da contemporaneidade, como bem assevera Cruvinel (2009). A pesquisadora ancora-se na hipótese de que existe nessas narrativas um enfoque no tema da educação humana, no aspecto formativo que é refletido na jornada das personagens. Assim sendo, ao se depararem com situações desafiadoras apresentam igualmente um acréscimo de experiência em suas vidas, ordenando as relações com o mundo circundante, que, por conseguinte, é refletido na formação dos leitores.

Considerando a temática e os conflitos vivenciados por Clarice é compreensível que o aspecto formativo da narrativa é resultante da experiência negativa causada pela Ditadura. Por esse prisma, quando jovens protagonistas são expostas à barbárie “tal experiência possibilita a elas uma espécie de ritual de passagem que as fará menos crianças talvez porque menos inocentes, após a culminância dessa experiência” (SARMENTO-PANTOJA, 2012, p. 424). Narrativas dessa natureza também tendem “a apresentar um horizonte de desenvolvimento da resistência, baseada na ideia de que a criança pode representar a possibilidade de uma transformação positiva” (SARMENTO-PANTOJA, 2018, p. 189). Fato que decorre da superação dos desafios frente ao regime de exceção a personagem direciona suas perspectivas para um futuro esperançoso, por conseguinte ampliando os horizontes do leitor no que tange ao enfrentamento de desafios e hostilidades encontrados na contemporaneidade.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

A narrativa juvenil *Clarice*, de Roger Mello, apresenta um retrato sobre o que foi ser criança durante os anos duros de Ditadura civil-militar, pois como relatado no princípio do artigo, a literatura atua refletindo como esses sujeitos são vistos em determinadas conjunturas. No contexto de suspensão de direitos democráticos, nem mesmo as crianças ficaram inatingíveis as intervenções arbitrárias, o que se evidencia por meio de situações a que foram submetidas, como as fraturas familiares e o direito da própria infância plenamente livre.

A criança enquanto ser oprimido e estereotipado muitas vezes como incapaz de pensar e ter uma visão crítica apresenta-se na obra de Roger Mello como um ser corajoso, capaz de compreender e questionar o mundo em que vive, não apenas absorvendo os episódios de forma passiva. Em suma, narrada pelo prisma infantil, a obra em análise nos mostra como esse ser, por estar historicamente posto à margem, possui uma visão destoante do que muitas vezes nos é apresentado oficialmente. Afinal, a criança, mesmo sendo pequena, tem outro campo de percepção; “ela vê aquilo que o adulto não vê mais, os pobres que moram em porões, cujas janelas beiram as calçadas, ou as figuras menores na base de estátuas erigidas pelos vencedores” (GAGNEBIN, 1997, p.98).

Tal fato se mostra quando nada faz sentido no mundo em que as coisas estão de cabeça para baixo, mas Clarice busca, a sua maneira entendê-lo, dialogando com o leitor da contemporaneidade por meio do olhar da descoberta, pelo enfrentamento aos medos e às repreensões. A amizade com Tarso, as leituras, a imaginação fértil e livre jamais pode ser tolhida, e a esperança por dias melhores traduzem uma mensagem de resistência e de amadurecimento ao leitor jovem.

Em se tratando dos episódios de censura e da repressão é importante destacar a importância da literatura enquanto arte com poder conscientizador e emancipador, denunciando as diferentes facetas do poder autoritário. Assim, é relevante que em meio à centralização do olhar da infância, várias problemáticas podem ser postas em discussão pela leitura da obra, a exemplo da liberdade de expressão, do direito a livre circulação e da importância de regimes democráticos.

Como afirma Figueiredo (2017, p. 46), “o autor encontra no leitor um elemento ativo da construção da memória para que não se apague aquilo que afetou a vida das pessoas”. Esse público, em específico juvenil, quando muito, revisita a história da ditadura por intermédio do currículo escolar, pela via da escrita objetiva da história, circunstância talvez insuficiente para despertar-lhes sensibilidade e criticidade frente à arbitrariedade cometida pelo sistema repressivo durante os anos de Ditadura civil-militar no Brasil.

## Childhood in the youth narrative *Clarice*, of Roger Mello: fragments of oppression, repression and censorship

### ABSTRACT

The period of the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985) was marked by censorship and violence against movements that challenged the regime's ideology. Parallel to this, as a form of resistance, the Brazilian literary production that emerged in this period and in the course of the last few years presents in its veins denunciations of the curtailment of democratic rights. Referring to children's and youth literature, in contemporary times, there are narratives that deal with this period and start from the particular experiences of the writers or not, with an emphasis on the protagonism of the child or adolescent amid the contingencies of the regime. Starting from this conjecture, we aim to discuss how the representation of childhood is configured in the youth narrative *Clarice* (2018), by Roger Mello. Specifically, to analyze the character that gives the narrative its name, based on its representation as a subject inserted in the political context of censorship and oppression resulting from the civil-military dictatorship. Despite the hostile situation, it is possible to say that the protagonist has a critical view of the consequences of the oppressive regime, sending a message of resistance to the readers. The research is of a bibliographic nature and is based on the contributions of Lajolo (2009), Figueiredo (2017) Sarmiento-Pantoja (2012; 2018), among other contemporary researchers who focus on the proposed theme.

**KEYWORDS:** Contemporary Youth Literature. *Clarice*. Dictatorship. Childhood.

---

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CHECCHIA, Cristiane. Fronteiras e esquecimento: Noite dentro da noite, de Joca Reiners Terron. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 60, p. 1-10, 12 abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/30764>. Acesso em: 10 set. 2020.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. **Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero**. 2009, 188f. Tese (Doutorado): Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras: Goiânia, GO.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e pensamento. In: GHIRARDELLI, Paulo Jr (org). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Juvenil: Adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. **História da infância no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira - História e Histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática. 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MELLO, Roger. **Clarice**. Ilustração Felipe Cavalcante. São Paulo: Global, 2018.

\_\_\_\_\_. Entrevista: um artista em movimento. **Jornal Beira do Rio**, 2018. Disponível em: <https://www.iemci.ufpa.br/index.php/nesta-edicao/277-entrevista-um-artista-em-movimento>. Acesso em: 19 set. 2020.

\_\_\_\_\_. In: MORAES, Odilon; HANNING, Rona; PARAGUAÇU, Mauricio (org). **Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



PAULA, Fernanda de. Manual do professor: Clarice. **Calameo**, 2019. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/005668876307e7d59e7c5>. Acesso em: 05 dez. 2020.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. **Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico**. São Paulo: Educ, 2019.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. A criança como outroridade: jogo ficcional e poética da temporalidade em Alfredo Garcia e Ondjaki. In: **Revista de Estudos da Literatura Portuguesa e Africana - NEPA UFF**: Rio de Janeiro, vol. 10, n. 20, p. 187-198, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29958>. Acesso em: 02 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Representações do sofrimento infantil no cinema pós-ditatorial com protagonismo infantil. In: **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC**. Campina Grande, PB, 2013. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013\\_1434460301.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434460301.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. Sobre o olhar do (in) vulnerável: a criança, a ditadura e as memórias insuspeitas. In: CORNELSEN, Elcio Loreiro; VIEIRA, Elisa Maria Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). **Imagem e memória**. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012, p.413-417.

Zilberman, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 2006.

**Recebido:** 10 fev. 2021

**Aprovado:** 22 mar. 2021

**DOI:** 10.3895/rl.v23n40.13822

**Como citar:** SOUSA, Camila Pereira de; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A infância na narrativa juvenil *Clarice*, de Roger Mello: fragmentos de opressão, repressão e censura. *R. Letras, Curitiba*, v. 23, n. 40 p. 30-45, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfrpr.edu.br/rl>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

